

15 participantes de quatro países estiveram em Bragança para aprender a construir máscaras tradicionais

Bragança recebeu, durante uma semana, uma ação de formação prática dedicada à construção de máscaras tradicionais, no âmbito do projeto europeu “MASKS – Descobrir as artes e os saberes por detrás das Máscaras”. A iniciativa reuniu 15 participantes de Portugal, Espanha, Itália e Roménia, que estiveram na região para conhecer técnicas artesanais ligadas às máscaras, aos trajes e à identidade cultural associada às festas de inverno.

O projeto Erasmus+ junta 12 entidades de quatro países e

conta, em Portugal, com a participação do CEARTE – Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património, da Academia Ibérica da Máscara e do Brigantia Eco-Park, entidades ligadas ao território de Bragança e com intervenção nesta área.

A formação realizada na região surgiu precisamente pela forte ligação de Bragança e do distrito à tradição das máscaras e dos mascarados. Segundo Sandra Moreira, do CEARTE, a escolha da cidade transmontana esteve relacionada com o

contexto cultural existente, nomeadamente a presença de artesãos, do Museu Ibérico da Máscara e do Traje e de comunidades onde esta tradição continua viva. “Coimbra, onde está a sede do CEARTE, não tem propriamente uma tradição de máscaras com a expressão que existe aqui na região de Bragança e Macedo de Cavaleiros. Fazia todo o sentido realizar esta formação aqui, porque existe todo um contexto relacionado com as máscaras”, explicou.

Os participantes foram selecionados entre centenas de pes-

soas que frequentaram a componente online do projeto. A mobilidade internacional tinha como objetivo proporcionar uma experiência prática e permitir o contacto direto com os processos de criação artesanal.

Durante a semana, os formandos aprenderam a construir máscaras em diferentes materiais, incluindo madeira e chapa de metal, tendo também contacto com a confeção dos trajes dos caretos e com técnicas de tecelagem. No Instituto Politécnico de Bragança, realizaram uma formação dedicada às máscaras em latão, onde cada participante criou a sua própria peça, desde a preparação do material até à pintura final.

Para António Tiza, professor, investigador e presidente da Academia Ibérica da Máscara e do Traje, o objetivo principal não era apenas formar novos artesãos, mas proporcionar uma experiência que permitisse valorizar este património cultural. “O objetivo era que as pessoas pudessem experienciar e valorizar este património. Não vão sair daqui tecelões ou artesãos especializados, mas adquirem o gosto e o interesse por estas áreas”, afirmou.

O responsável destaca que as tradições ligadas às máscaras têm atravessado um processo de revitalização, sobretudo no Nordeste Transmontano e em

regiões próximas de Espanha. “Há um processo de recuperação das festividades com máscaras e, a par disso, estão a surgir muitos jovens interessados em construir máscaras para si próprios e para as suas localidades”, referiu.

A formação integra um projeto mais amplo que pretende criar um novo percurso de aprendizagem na área da construção de máscaras tradicionais, cruzando conhecimentos ancestrais com novas tecnologias, como a impressão 3D e a CNC. A iniciativa prevê ainda a criação de oportunidades de empreendedorismo ligadas ao artesanato, ao turismo e à valorização do património cultural.

Os trabalhos desenvolvidos pelos participantes irão integrar uma exposição final prevista no âmbito do projeto, que será apresentada em Portugal e Itália, juntamente com outras máscaras representativas dos principais centros produtores europeus.

Para os parceiros envolvidos, a passagem do projeto por Bragança abriu também portas para futuras colaborações. Sandra Moreira terminou dizendo que a iniciativa permitiu criar novas ligações entre instituições e o território, podendo dar origem a novas ações de formação na região.

Carina Alves



OPINIÃO



Evaristo Neves

"Bô"; uma palavra pequena que diz muito sobre Trás-os-Montes

rística de Trás-os-Montes, pertence a este segundo grupo. Embora pareça apenas uma expressão regional, representa muito mais do que um simples elemento do vocabulário: é um símbolo de pertença.

Quem cresce ou vive em Trás-os-Montes reconhece imediatamente o significado e o tom com que “bô” é utilizado. Dependendo do contexto, pode expressar surpresa, chamar a atenção de alguém, reforçar uma ideia ou tornar

uma conversa mais espontânea. É uma palavra que faz parte da oralidade e que revela a riqueza do falar transmontano.

Num tempo em que a globalização tende a uniformizar a língua e os “modos” de falar, preservar expressões regionais como “bô” é também preservar a diversidade cultural.

Os regionalismos são associados a um menor prestígio linguístico, mas, na verdade, representam um património imaterial de grande valor. São

testemunhos da história de uma comunidade, das influências culturais e da evolução da própria língua portuguesa.

Além disto, as palavras como “bô” criam um sentimento de identidade entre aqueles que as utilizam. Ao ouvi-la, muitos transmontanos sentem uma ligação imediata às suas origens, à família, às aldeias e às tradições. É uma palavra que desperta memórias e reforça o orgulho de pertencer a uma região com uma cultura tão rica e singular.

Naturalmente, a língua evolui e adapta-se às novas gerações. No entanto, esta evolução não deve significar o desaparecimento de marcas identitárias de cada região. Pelo contrário, valorizar expressões como “bô” contribui para manter viva a herança linguística de Trás-os-Montes e a diversidade da língua portuguesa.

“Bô” é muito mais do que uma palavra. É um símbolo de identidade, proximidade e de autenticidade. Enquanto continuar a ser pronunciada com orgulho pelos transmontanos, continuará também a contar a história de uma região que nunca deixou de valorizar as suas raízes.

Há palavras que servem apenas para comunicar. E há outras que carregam consigo uma história e uma identidade. A palavra “bô”, tão caracte-